

## PATERNIDADES EM CURSO DURANTE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE GÊNERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

GUILHERME DA SILVA BIASUS<sup>1</sup>, JEFERSON SANTOS ARAÚJO<sup>2</sup>

### 1 Introdução

A disforia de gênero (DG) é um transtorno que a pessoa apresenta em relação ao seu sexo de nascimento e como ele é entendido e se manifesta em suas ações ao longo da vida, caracterizado por sofrimento ligado ao gênero atribuído no nascimento (FREITAS et al., 2020). As primeiras aparições começam na infância, mas podem se denunciar na adolescência ou na vida adulta (LITTMAN, 2018). Conforme pesquisadores, (COYNE; YUODSNUKIS; CHEN, 2023) destaca-se que um número maior de crianças, adolescentes e suas famílias buscam serviços pediátricos para cuidados relacionados a DG, revelando a necessidade de regulamentações para prestar cuidados eficientes e abrangentes a esse público. O predomínio de DG em adultos do sexo masculino ao nascimento varia de 0,005 a 0,014%, enquanto para o sexo feminino discorre de 0,002 a 0,003% (DSM-5, 2014). A contrariedade corporal está relacionada a transtornos dissociativos e traumas infantis, com alto predomínio de episódios depressivos e tentativas de suicídio (COLIZZI; COSTA; TODARELLO, 2015). O exercício da paternidade apresenta-se como uma rede de apoio na tomada de decisão de crianças e adolescentes sobre questões referentes a continuar ou não em sua redesignação sexual, ou em sua transição de gênero (BYNE et al., 2012). A transição de identidade de gênero na infância é um problema de saúde pública e configura-se como uma experiência delicada que requer muita atenção do pai e de toda família na oferta de apoio para lidar com desafios como *bullying*, discriminação e falta de compreensão social (KOZLOWSKA et al., 2021). Porém, insuficiente atenção na literatura é dada às experiências de paternidade durante a transição dos seus filhos.

### 2 Objetivos

<sup>1</sup> Acadêmico de Enfermagem. UFFS, *Campus* Chapecó, contato: guilhermesilvabiasus17@gmail.com. Grupo de Pesquisa: Laboratório de Investigação Quanti-Qualitativa em Enfermagem e Saúde – LIQES. Bolsista

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGEnf) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). Laboratório de Investigação Quanti-Qualitativa em Enfermagem e Saúde – LIQES. Orientador.

Analisar o processo de transição vivenciado por pais ao reconhecerem a disforia de gênero de seus filhos, buscando se ajustar aos seus novos papéis de apoio.

### 3 Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, no qual foi utilizada a descrição interpretativa e a teoria das transições de Meleis. A Teoria da Transição é baseada na noção de transitar de uma condição instável para outra estável e visa descrever, interpretar, compreender e explicar fenômenos sobre as mudanças de papéis, as quais produzem transformações comportamentais e sociais de si. A teoria estrutura-se em natureza das transições, condicionantes da transição e padrões de respostas (MELEIS, 2010). Nesse contexto, podem ser elaboradas intervenções terapêuticas para uma transição saudável (MELEIS, 2010). O recrutamento da pesquisa foi empregado com a técnica *Snowball*, na qual um indivíduo tem a possibilidade de indicar outro para participar do estudo e assim sucessivamente, estabelecendo ligações entre os membros de um determinado grupo (NADERIFAR et al., 2017). Como critérios de inclusão, os participantes deveriam ser pais de crianças ou adolescentes entre 10 a 18 anos, em que os filhos fossem diagnosticados com DG ou em transição de identidade de gênero. Ademais, contou com a análise inicial das informações de pais de crianças e adolescentes com DG que frequentavam uma Organização Não Governamental (ONG) situada em uma cidade do interior do Estado de Santa Catarina, Brasil. Dessa forma, foram entrevistados presencialmente 10 pais no período de julho de 2023 a novembro de 2023, e as entrevistas semiestruturadas foram realizadas por meio de um roteiro desenvolvido com base na literatura existente (FREITAS et al., 2020). As entrevistas foram concedidas nos horários e locais onde os pais referiram sentir-se mais confortáveis. Todos optaram por realizar as entrevistas em suas residências. As entrevistas tiveram duração média de 36 minutos, foram gravadas, transcritas, submetidas à análise temática reflexiva (BRAUN; CLARKE, 2021) e os dados qualitativos analisados pelo *software* MaxQDA (KUCKARTZ; RADIKER, 2019). O estudo obteve aprovação do conselho de revisão ética em pesquisa institucional (aprovação número: 5.481.769). Foi obtido o consentimento informado por escrito de todos os pais antes das entrevistas e o anonimato dos participantes foi assegurado.

### 4 Resultados e Discussão

---

Os pais destacaram que exercer a paternidade durante a transição dos filhos desperta fatores facilitadores e inibidores, tais como: *“A orientação é tudo, a informação e o amor de pai e de mãe superam tudo, e esse sentimento me ajudou a ajudá-lo.”*(P08). Outro pai menciona veículos de comunicação e redes sociais como meios facilitadores do processo para entender melhor os filhos: *“Eu sei das coisas, porque descubro na TV e na internet, isso ajuda entender mais o que ele está passando agora e vemos que não estamos sozinhos.”*(P1). Contudo, a paternidade possui barreiras que inibem a transição, como relatado: *“Então, ele recebe muita repressão em casa, o pai e os irmãos não o deixam ser quem ele é, e isso é muito ruim, pois tudo que construímos cai por água abaixo.”*(P6). De forma geral, foi evidenciado que os pais vivenciaram a transição de forma subjetiva, pois cada um transitou de acordo com a sua singularidade. Durante a pesquisa com base na teoria das transições, foi possível interpretar que o processo de transição vivenciado por pais ao reconhecerem a disforia de gênero de seus filhos é dependente do contexto temporal em que os estes se encontram, pois o tempo transicional é fluido, e que o equilíbrio para conduzir uma transição de forma saudável está relacionado com o apego seguro e o apoio paterno. Wagner e Armstrong (2020) ressaltam que a falta de apoio do pai pode impactar negativamente a transição, gerando negação, discriminação, ideação suicida, não adesão aos serviços de saúde, problemas comportamentais e psicológicos, entre outros agravos. Nesta pesquisa, os pais também elucidaram que o tempo é um fator central na busca deste equilíbrio, pois vivenciar as mudanças identitárias do próprio filho traz consigo elementos que facilitam e dificultam o processo. Estudos advogam que neste contexto (PYNE, 2016; SANSFACON et al., 2015), o sentimento de amor pelos filhos proporciona um vínculo de apego seguro que possibilita os pais tolerarem as tensões que emergem com a nova identidade de gênero. Por outro lado, a adoção de uma nova identidade de gênero pelos filhos gera uma instabilidade nas relações de paternidade, o que desperta um comportamento de desaprovação, censura e incerteza quanto ao futuro. Segundo os dados da pesquisa, é possível interpretar que cada pai lida com o processo transicional segundo os seus valores individuais e sociais que regem sua cultura. Essas experiências, quando compartilhadas entre os pais, favorecem o apoio familiar, a troca de informações sobre como lidar com a transição, por meio de redes sociais ou outras mídias. A informação age como aliada e permite uma transição mais segura. Conforme implica a teoria das transições de Meleis (2010), é importante que todo o processo de transição ocorra

com apoio paterno e também de amigos (sejam eles virtuais ou não), das diversas comunidades e de profissionais de saúde, para que todo esse processo funcione de maneira saudável, segura e com menores comprometimentos psicobiológicos possíveis aos adolescentes e crianças que transitam suas identidades de gênero.

## 5 Conclusão

Esta pesquisa amplifica as discussões em torno da temática e contribui para a prática baseada em evidências ao ressaltar fatores facilitadores e inibidores da paternidade que influenciam na atribuição de cuidados à saúde. Com base nas evidências, indica-se à Enfermeiros e demais profissionais de saúde o desenvolvimento de um roteiro de avaliação clínica que inclua, entre outras medidas, a busca por centros de cuidados multiprofissionais especializados aos filhos com DG, práticas de apego seguro, comunicação entre os pais e filhos sobre a identidade de gênero e a elaboração de práticas educativas sociais que favoreçam a transição.

## Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>.

BRAUN, V.; CLARKE, V. One Size Fits all? What Counts as Quality Practice in (reflexive) Thematic analysis? *Qualitative Research in Psychology*, v. 18, n. 3, p. 328-352, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1769238>.

BYNE, W. et al. Report of the American Psychiatric Association Task Force on Treatment of Gender Identity Disorder. *Archives of Sexual Behavior*, v. 41, n. 4, p. 759–796, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9975-x>.

COLIZZI, M.; COSTA, R.; TODARELLO, O. Dissociative symptoms in individuals with gender dysphoria. Is the elevated prevalence real? *Psychiatry Research*, v. 226, n. 1, p. 173–180, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2014.12.045>.

COYNE, C. A.; YUODSNUKIS, B. T.; CHEN, D. Gender Dysphoria: Optimizing Healthcare for Transgender and Gender Diverse Youth with a Multidisciplinary Approach. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, v. 19, p. 479–493, 2023. DOI: <https://doi.org/10.2147/ndt.s359979>.

FREITAS, L. D. et al. Psychiatric disorders in individuals diagnosed with gender dysphoria: A systematic review. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, v. 74, n. 2, p. 99–104, 2020.

---

DOI: <https://doi.org/10.1111/pcn.12947>.

KOZLOWSKA, K. et al. Attachment Patterns in Children and Adolescents With Gender Dysphoria. *Frontiers in Psychology*, v. 11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.582688>.

KUCKARTZ, U.; RADIKER, S. *Analyzing Qualitative Data with MAXQDA*. Cham: Springer International Publishing, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-15671-8>.

LITTMAN, L. Parent reports of adolescents and young adults perceived to show signs of a rapid onset of gender dysphoria. *PLOS ONE*, v. 13, n. 8, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0202330>

MELEIS, A. I. *Theoretical Nursing: Development and Progress*. Scientific Research Publishing, 2010. Disponível em: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=1382364>.

NADERIFAR, M.; GOLI, H.; GHALJAIE, F. Snowball sampling: a Purposeful Method of Sampling in Qualitative Research. *Strides in Development of Medical Education*, v. 14, n. 3, 2017. DOI: 10.5812/sdme.67670.

PYNE, J. 'Parenting Is Not a Job ... It's a Relationship': Recognition and Relational Knowledge Among Parents of Gender Non-conforming Children. *Journal of Progressive Human Services*, v. 27, n. 1, p. 21–48, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/10428232.2016.1108139>.

SANSFACON, A. P.; ROBICHAUD, M. J.; DUMAIS-MICHAUD, A. A. The Experience of Parents Who Support Their Children's Gender Variance. *Journal of LGBT Youth*, v. 12, n. 1, p. 39–63, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/19361653.2014.935555>.

WAGNER, L. D.; ARMSTRONG, E. Families in Transition: The Lived Experience of Parenting a Transgender Child. *Journal of Family Nursing*, v. 26, n. 4, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1074840720945340>.

WATTS, K. J. et al. Transgender and gender expansive emerging adults: the moderating role of thwarted belongingness on mental health. *Psychology & Sexuality*, v. 14, n. 2, p. 1–17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/19419899.2022.2143276>.

**Palavras-chave:** Identidade de Gênero; Cuidados de Enfermagem; Crianças; Adolescentes; Pessoas Transgêneros.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES-2023-0302

**Financiamento:** Universidade Federal da Fronteira Sul. EDITAL Nº 73/GR/UFGS/2023: GRUPO 1 (Bolsas IC)